



O DESBRAVADOR

"Sinto em mim a vocação de **GUERREIRO**, de **SACERDOTE**, de **APÓSTOLO**, de **DOUTOR** e de **MÁRTIR**. Sinto, afinal a necessidade, o desejo de realizar por Ti, Jesus, todas as obras, as mais heróicas... Sinto na alma o arrojo de **Cruzado**, de **Zuavo Pontifício**. Desejaria morrer no campo de batalha pela defesa da Igreja... Quisera percorrer a Terra, apregoar Teu nome e fincar em terra de infieis Tua Gloriosa Cruz... Martírio! Eis o sonho de minha juventude!

Compreendi que o **AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES, ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA, É ETERNO...**

Então, no transporte de minha delirante alegria, pus-me a exclamar: Ó Jesus, meu Amor, minha vocação, encontrei-a afinal: **MINHA VOCAÇÃO É O AMOR!**...

Sim, atinei com meu lugar na Igreja, e tal lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes...

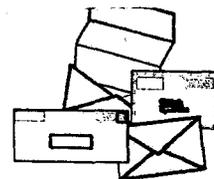
No coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor... Assim serei tudo...

Assim se realizará meu sonho!!!..."

Santa Terezinha do Menino Jesus



Escrevem os Leitores



Carta - Reflexão

O presente texto é da lavra de nossa leitora e amiga, a brilhante advogada Dra. Helena Maria Benedetti Pessoa

Há muito tempo, tem-se discutido ampla e exaustivamente a questão do ABORTO.

Os que são a favor, defendem a tese de que a mãe deve ter total liberdade, para decidir se o próprio filho deve viver ou não. A mãe substituiria Deus.

O Brasil se tornou um país sem limites, sem valores éticos, morais e religiosos, para frear o caos que vivemos, onde há inversões de valores, inclusive quanto ao valor da vida!!!

Pergunto: qual a diferença entre o aborto e o homicídio em todas as suas formas?

Respondo: nenhuma, pois os dois ceifam a vida, e, o que é pior, no caso do aborto, a vítima é um inocente sem a menor chance de defesa!!!

Partindo dessas premissas, concluímos que, se houver a legalização do Aborto, teremos uma enorme brecha para abolirmos o homicídio da nossa Lei Penal. Isso seria uma catástrofe irreversível.

Além do aspecto criminal do aborto, temos o egoísmo como locomotiva. As mulheres, que lutam pela legalização do aborto, são de um egoísmo criminoso, pois enxergam seus filhos como estorvos por dificultarem a vaidade e a liberdade que pensam possuir.

Como mulher, me surpreende e espanta, alguém querer seu próprio filho, morto.

Ora, se querem e decidem matar seus próprios filhos, porque não um estranho???

Que punidade deveriam ter as mulheres que abandonam seus filhos nas latas de lixo, na lagoa e outros lugares, como nos informa a mídia diariamente, se lutam para matá-los ainda dentro de seu próprio ventre???

Por mais que lutem para legalizar o aborto, como carro chefe, e via de consequência os outros crimes dolosos contra a vida, deveriam sim, despender todas as forças pela manutenção da família, do amor, do carinho entre todos os que dela fazem parte, e principalmente o respeito à vida.

Rogo a nossos legisladores para que reflitam no caos que isso trará para todo país, pois os inocentes não devem ser sacrificados em nome da vaidade, da falsa liberdade e outros. Afinal, como sabemos, todos têm direito à vida desde a concepção.

HELENA MARIA BENEDETTI PESSOA
São Paulo - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS
CLARA REGINA B. DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGERIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

GRUPO DE APOIO

JOÃO PEDRO BRANCO DE MATOS
EMANOEL ROBSON WENDT
ARTUR DE OLIVEIRA PASSOS
RENATO BARBOSA DOS SANTOS
FABIANO ALVES DE OLIVEIRA

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525

01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Há cada dia que passa vemos o homem, descendo ladeira abaixo em direção à barbárie.

Em apenas alguns poucos dias lemos uma série de notícias que, cada uma é péssima, e no seu conjunto e no curto espaço em que aconteceram denotam o poço em que o ser humano afundou.

De um lado, no Rio de Janeiro, numa festa Rave, drogas foram consumidas ao extremo, levando jovens às UTIs e matando um deles.

De outro, o governador do Rio de Janeiro defende como meio combate ao crime, assassinar as crianças ainda não nascidas, pelo aborto.

Em outra notícia vemos jovens da classe média alta traficando drogas o que demonstra que é a pobreza que causa o crime.

E numa notícia mais recente, homem pratica vampirismo sugando sangue de vários adolescentes e formando uma seita para tal.

Se nos aprofundássemos em pesquisar acharíamos outra série de notícias aberrantes e escabrosas, mas essas quatro notícias, obtidas em cerca de 10 dias, e somente no Brasil já mostram o atoleiro em que os homens, e os jovens em particular, estão afundados.

São temas diversos, mas todas denotam o homem afastado de Deus e descambando nas maiores barbaridades.

Não podemos nos calar diante desse mundo sem Deus e não nos calamos.

Vamos continuar dizendo que, longe de Deus, o homem só pode afundar e que é preciso recristianizar a sociedade e para tanto devemos começar por nós, sendo melhores, sendo bons, sendo santos.

E, também lutar para mudar os outros.

Que Nossa Senhora nos dê a graça de trilhar essa caminhada e lutar esse combate, tão digno de ser travado.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 – 01059-970 – São Paulo SP) ou por e-mail: odesbravador@uol.com.br e **gratuitamente** receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.
- Esse número está saindo atrasado. Alguns fatos narrados são posteriores aos meses do exemplar.



“SINTO PODER MORRER UMA SÓ VEZ POR MEU SALVADOR”

(São Górdio, diante do martírio)

QUEM SE LEMBRA DE... !?

Em plena efervescência da Copa do Mundo, os jogadores de futebol que dela participaram são vistos como os homens mais importantes do planeta. Suas vidas são reveladas, seus dotes esportivos exaltados, seus feitos são cantados em prosa e verso. A eles é dada como que uma aura de imortalidade. E, olhando, pelo que os meios de comunicação mostram, fica nas pessoas a impressão de que isso é real. Parece que os jogadores não morrerão, que serão sempre lembrados, que sua fama será duradoura.

Não é nosso objetivo analisar qual o grau de importância real que os esportes deveriam ter na vida das nações e das pessoas. Aqui, gostaríamos apenas de ver como é ilusória a fama e a "glória" dos participantes da copa do mundo e, não só a deles, mas toda glória do mundo.

"Sic transit glória mundi" (a glória do mundo é passageira) já diziam os romanos aos generais que triunfavam nas batalhas. E era verdade. Que restou da fama e do nome de tantos vitoriosos generais romanos? Nada ou quase nada.

Quando muito um arco do triunfo que hoje é visitado por curiosos turistas.

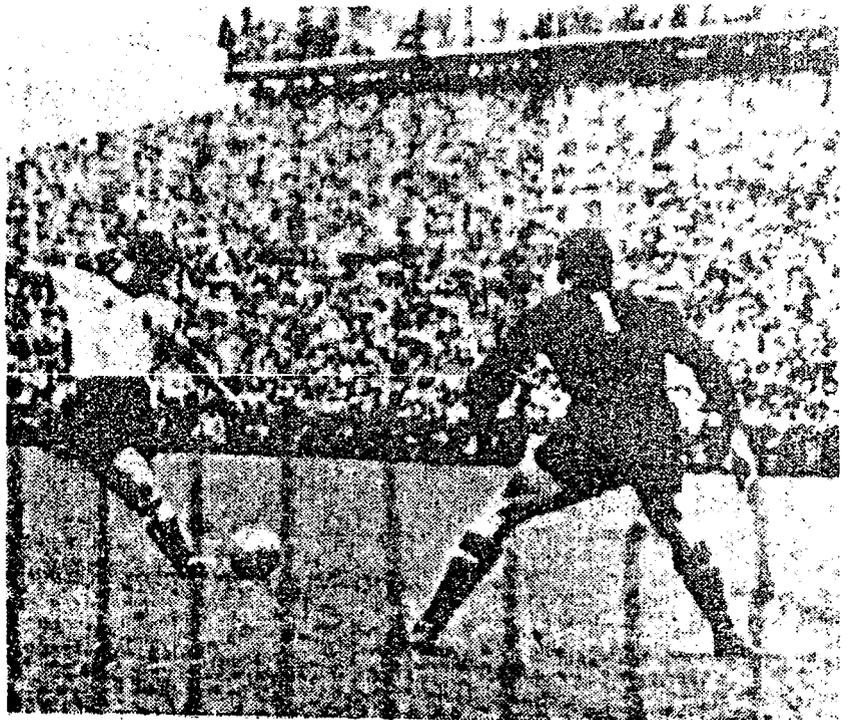
Dirá alguém: "mas os generais romanos viveram há muitos séculos". Verdade, mas quem hoje se lembra de famosos atores e músicos que no século passado, faziam sucesso e furos? Você já ouviu falar de Sarah Bernhardt, Emma Dramática, João Caetano, Arturo Toscanini? Acreditamos que sejam raríssimos os leitores que deles ouviram o nome e, no entanto, na sua época foram nomes altamente populares. Foram, dissemos. Não são mais.

"Mas, os jogadores são mais recentes", dirá outro e completará dizendo que "com o cinema e a televisão sua memória não perecerá". Ledo engano – respondemos nós. Vamos citar alguns nomes de futebolistas famosos e, dos quais pouco se lembra. Piola, Zizinho, Castro, Giggia e Puskas, são ainda nomes de perene lembrança em seus países? E, mais recentemente (1988), o ex-jogador Bellini, capitão da seleção brasileira, campeã mundial de 1958, foi candidato a vereador em São Paulo e o ex-jogador Jairzinho, conhecido como Furacão da Copa de 1970, foi candidato no Rio de Janeiro, ao mesmo cargo. Ambos tiveram baixa e inexpressiva votação e

não conseguiram se eleger. Cremos que se fossem candidatos nos seus momentos de triunfo facilmente se elegeriam. Mas, o momento passou. "sic transit gloria mundi".

Ai do homem que coloca suas esperanças nas coisas fugazes deste mundo. As traças devoram e os ladrões roubam essas migalhas.

Há, porém, uma glória que não morre. Há tesouros indestrutíveis. Há vitórias inesquecíveis. Se formos fiéis a Deus, se vivermos santamente, se devotamente servirmos a Nossa Senhora, poderemos jamais ser conhecidos ou lembrados pelos homens, mas agradando e glorificando a Deus nesta vida, teremos a consciência tranqüila na hora da morte e as bênçãos de Nossa Senhora por toda eternidade. No céu uma coroa de glórias que por mais que imaginemos não conseguiremos, nesta vida, vislumbrar sua grandeza.



Morlock marca para a Alemanha, os 3 a 2 acabaram com o mito

Morlock marca um gol na vitória alemã na final da Copa do Mundo de 1954. Alguém se lembra dele?



O IRMÃO BURRO

S. JOSÉ DE CUPERTINO

Se houve um homem pouco dotado em matéria de qualidades naturais, esse foi José de Cupertino. Ele se auto-intitulava "irmão burro" e era, com efeito, o que, entre os animais, representa o burro. Incapaz de passar em um exame, talvez mesmo de manter uma conversação; incapaz, ao mesmo tempo, de cuidar de uma casa, de pegar uma louça sem quebrá-la, apresentava-se igualmente inapto a ser um sábio, e a ser um bom provedor doméstico. Ele tinha o aspecto de um escravo mais ou menos inútil, de um animal de carga que pouco serviço presta. Entretanto, conhecemos o seu nome! O que fez Ele para ficar na memória dos homens? A força de não procurar a estima dos homens, ele a reencontrou na sua mais alta expressão, a glória!

Enquanto muitos que correm atrás da glória encontram ou o esquecimento ou o vexame, ela assentou sobre a fronte de José e escreveu diante do seu nome essa pequena palavra: Santo!

José nasceu em Cupertino, em 17 de junho de 1603. Filho de artesãos, era magro, doentio, desprezado de todo mundo, passou a infância entre a vida e a morte, até que, um dia, um eremita untou-o com óleo e o curou...

No momento de seu nascimento, haviam confiscado casa e mobiliário, por causa de dívidas de seu pai, e sua mãe teve de refugiar-se em um estábulo.

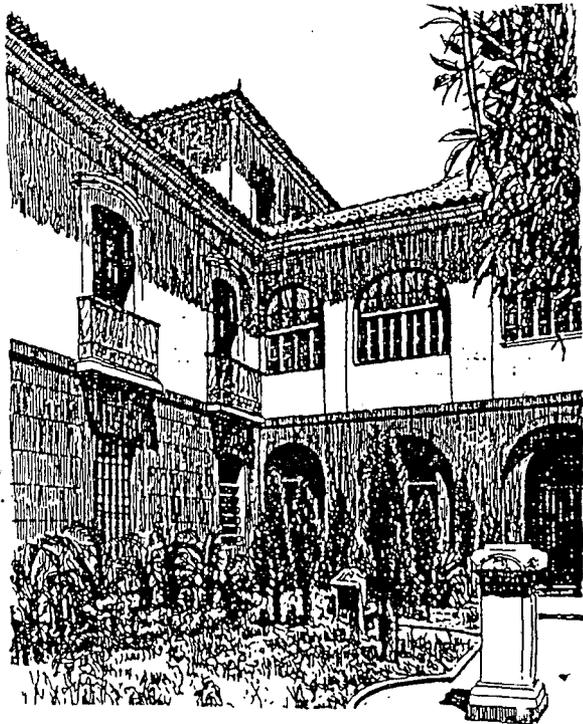
Mais tarde, depois de ter-se livrado de doenças horríveis, quis abraçar a vida religiosa e aí foi uma série de contratemplos e decepções. Começa um noviciado e não o

conclui; volta para o mundo. Depois, entra para o convento novamente. Dessa vez, é na casa dos Franciscanos que se apresenta. Tinha dezessete anos. Dois tios seus pertenciam a essa Ordem e procuraram ajudá-lo. Em vão, porque não tinha feito nenhum estudo. Tudo o que pôde obter foi entrar para os capuchinhos, na qualidade de irmão converso.

A incapacidade natural e preocupação pareciam unir-se para torná-lo inapto a tudo. Seus esquecimentos, suas absorções sobrenaturais, faziam com que uma vida prodigiosa parecesse ridícula aos que o circundavam. Tomado em êxtase durante as ocupações do serviço de mesa, deixava cair todos os pratos, servia pão preto em lugar do pão branco, para transportar água demorava quase um mês. Por fim, declaram que ele não era bom nem no trabalho material, nem no espiritual e o mandam embora.

Tiram-lhe o hábito religioso. Ele declarou, mais tarde, ter sentido nesse momento como se lhe arrancassem a pele. Para cúmulo da desgraça, havia perdido parte da sua roupa de leigo, chapéu e também sapatos.

No caminho para casa, cães o atacaram esfarrapando a sua roupa e alguns pastores o tomaram por ladrão e quiseram matá-lo. José chega a Vitrara, atira-se aos pés de seu tio, que o repele censurando-o pelas dívidas de seu pai, em Cupertino.



Enfim, depois de muitas tentativas, consegue ser admitido no convento de Grotella, como encarregado de cuidar de uma mula.

José mal sabia ler e escrever. E queria ser padre! Nunca conseguia explicar qualquer tópico do Evangelho, exceto um que o Bispo escolheu e ele explicou com maestria. Restava um último exame. Aqui a coisa também se passa de forma surpreendente. Todos os postulandos, exceto José, sabiam a sua matéria na ponta da língua. Os primeiros que fazem o exame se saem tão bem, que o Bispo detém-se antes de ter examinado todos e admite os restantes sem nenhum exame. Era 04 de Março de 1628, e José de Cupertino era então feito padre, malgrado os homens e as coisas, malgrado todas as suas inaptidões reconhecidas, mas esquecidas.

Ele volta ao convento de Grotella e passa dois anos em uma aridez interior tremenda, que parecia aumentar a cada dia que passava. Escreveu, mais tarde, a um amigo: "um dia, como eu chorava e gemia de angústia, um religioso bate à minha porta. Eu não respondo; ele entra".

"Irmão José" – diz ele – "como está você? Vim aqui para ajudá-lo. Aqui tem uma túnica para você".

"Realmente eu estava precisando de uma túnica nova. Vesti-a e todo o meu desespero desapareceu no mesmo instante".

A partir desse momento, a vida de José de Cupertino, foi uma das mais maravilhosas que a história menciona. Para evitar as multidões que

o procuravam, precisavam transportá-lo de um lugar a outro. Sua vida interior foi uma soma de êxtases e milagres, os mais variados e sublimes.

No convento, ele cuidou de animais; trabalhou à maneira de burro de carga. Ele mesmo se chamava de "irmão burro", não por uma falsa humildade, mas por causa da sua simplicidade, sua bonomia, seu hábito de executar trabalhos rudes, de carregar fardos, de obedecer, de jamais discutir, de seguir adiante.

Esse homem que não sabia nada, não compreendia nada, que não tinha instrução, nem habilidade para esconder sua ignorância, saiu-se vencedor de todos os interrogatórios e provas a que foi submetido.

Ao invés de perceber os homens pela sua feição natural, José os via, com frequência, em forma de um animal que representasse o estado de sua alma. Se encontrava alguém cuja consciência estava em mau estado, dizia: "tu cheiras mal, vai-te lavar". E, após a confissão, se era boa, ele sentia um outro odor. Ele sentia fisicamente aquilo que só existe moralmente falando.

A contemplação estava tão impregnada em sua vida, que em meio a trabalhos árduos, não conseguia distrair-se dela. Com efeito, o "irmão burro" voava como se fosse um pássaro. Realmente, São José passou uma parte de sua vida no ar, suspenso entre o céu e a terra.

São José de Cupertino pertence àquela família de santos que têm como característica a amizade e a familiaridade de todas as criaturas.

Um dia, ele manda a umas religiosas, um pássaro que as ensinasse a cantar. E, todos os dias, aos ofícios da manhã e da tarde, eis que um pássaro aparece sobre a janela do coro, atencioso e animando o cântico das religiosas. Um dia, ele desapareceu. Vão reclamar a José: "o pássaro fez bem em sumir" – respondeu o santo – "por que o insultaram?". De fato, uma das religiosas lhe havia dirigido não sei que tipo de insulto. Entretanto, São José promete o retorno do pássaro, que volta, dessa vez, para fazer a sua moradia no convento.

Outro dia, próximo ao bosque de Grotella, São José encontra duas lebres: "Não vos afasteis de Grotella, porque muitos caçadores vos perseguirão". Ao cabo de algum tempo, uma delas é surpreendida e perseguida por cães. Mas, encontrando a porta da Igreja aberta, o



espectadores ficaram mudos de temor, mas depois suas mãos não apresentaram qualquer sinal de queimadura. Outro dia, um operário, que construía uma cruz, deixa cair uma ferramenta na mão e quase corta o dedo. Frei Ludovico chama S. José que toca no dedo ferido, faz um pequeno curativo e diz: "Agora tu podes trabalhar".

Depois de terminada a cruz, S. José queria que a levantassem. Mas era tão pesada que ninguém conseguia plantá-la. S. José impacienta-se, tira o manto, voa num espaço de 15 metros, toma a cruz como se fosse palha e a coloca na escavação preparada.

Tal foi São José de Cupertino. Se não tivesse existido, ninguém inventaria. Ele foi extraordinário entre os extraordinários.

bichinho atravessa a nave e se atira nos braços do santo. "Não tinha eu advertido?". Disse o Santo. Os caçadores aparecem reclamando a sua presa. "Essa lebre está sobre a proteção de Nossa Senhora, portanto, não a tereis", respondeu ele. Após o que ele a benze e põe em liberdade

Só o pronunciar o nome de Jesus e de Maria, José de Cupertino deixava o mundo e voava, literalmente. Com freqüência, os seus êxtases começavam com um grito. Mas tal grito não incomodava, nem assustava ninguém, e esse detalhe foi importante no processo de sua canonização. A Igreja toma precauções enormes nessas questões

Certa feita, D. Antonio passeava com José no jardim. "Irmão José", diz Antonio, "como Deus fez um belo céu!". José solta um grito, voa e coloca-se de joelho sobre uma oliveira. Os galhos balançavam como se estivessem sob o peso de um beija-flor.

Se o êxtase o surpreendia durante a missa, S. José ao voltar a si, retornava o santo sacrifício no ponto preciso que havia deixado, sem se equivocar de uma cerimônia, de uma sílaba ou de um gesto. Um dia, na Igreja, suas mãos ficaram por cima das chamas de dois tocheiros durante uma levitação. Alguns



Uma lição dada por **SANTA JOSEPHINA BAKHITA**



Nascida no ano de 1868, em Oglassa, Darfur, Sudão, vem de uma família sudanesa rica.

Foi seqüestrada por mercadores de escravos, aos 9 anos e, após ser torturada, foi lhe dado o nome de Bakhita (que significa a "afortunada") pelos mercadores e vendida no mercado de El Obeid, em Khartoun. Finalmente, foi comprada em 1883, por Callisto Legnani, cônsul italiano que planejava libertá-la. Ela acompanhou Legnani à Itália, em 1885, e trabalhou para a família de Augusto Michieli como babá. Foi bem tratada pelos italianos e passou a amar a Itália como sua pátria. Convertida já adulta, ela entrou para a Igreja em 9 de janeiro de 1890 e tomou o nome de Josephina, como um símbolo de sua nova vida.

Ela entrou para o Instituto das Filhas de Caridade de Canossiano, em Veneza, em 1893, tomando seus votos em 8 de dezembro de 1896, em Verona, e servindo como freira pelos próximos 50 anos.

Nessa condição santificou-se, sendo canonizada no ano de 2000.

Santa Josephina Bakhita dizia agradecer a todas as pessoas que contribuíram para que ela se tornasse católica e religiosa, inclusive os

mercadores de escravos, pois eles possibilitaram que ela possuísse o maior dos dons, que é a Fé Católica.

E aqui, gostaríamos de refletir sobre esse ponto, pois quantas pessoas deixam o bom caminho que estão trilhando por não suportarem a antipatia de um superior, a intransigência de uma professora ou até pelo fato de não serem premiados nos jogos de alguma instituição? Por causa de picuinhas deixam o bom caminho, relaxam na moral e nos bons costumes e, muitas vezes, abandonam as práticas religiosas e perdem a Fé.

Santa Josephina Bakhita ao agradecer até àqueles que a escravizaram, mostra que o importante é que caminhemos nas trilhas da Santa Igreja Católica, para Deus.

O resto, sim o resto, são misérias humanas, nossas e dos outros. Se são as nossas, devemos extirpá-las e, se são dos outros, nossa obrigação é suportá-las.

Não podemos, jamais, por coisas tão pequenas, desprezar os tesouros que a paciência nos prepara. Antes, devemos louvar tudo o que nos leva a Deus. Isso Santa Bakhita afortunadamente nos ensinou.



COMO AJUDAR "O DESBRAVADOR"

BANCO ITAÚ

C/C 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRABESCO

C/C 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

LUTERO: O HOMEM E O MITO

Há uma porção de fatos verdadeiros ou falsos que de tal forma foram desfigurados que, hoje, a maior parte dos professores os transmitem como se tivessem ocorrido na forma deturpada em que são apresentados: tais são os casos de Galileu, Papisa Joana, Maria "a sanguinária" etc.

Um acontecimento que é assim apresentado é o surgimento do protestantismo ou a falsa reforma, em torno da qual se criaram verdadeiras falsificações históricas, mas que dificilmente encontram opositores.

Entre essas falsidades podemos enumerar algumas: a personalidade "religiosa" de Lutero, o malsinado heresiarca, fundador da seita protestante, que é apresentado como um grande herói; outra falsidade que é costumeiramente apresentada é a questão das indulgências e o surgimento do protestantismo; além dessas falam alguns "historiadores" numa suposta decadência na Igreja Católica; outros dizem que foram os protestantes que descobriram a Bíblia.

Procuraremos numa série de artigos elucidar esses temas e mostrar a verdade em torno deles. Com isso pretendemos deixar claro que a Única e Verdadeira Igreja de Cristo é a Católica Apostólica Romana, Barca de Pedro, fora da qual não há salvação.

Num primeiro artigo estudaremos a figura de Lutero. Isso vem a propósito, pois recentemente, por ocasião dos 500 anos de seu nascimento pessoas de diversas categorias fizeram elogios rasgados a este famigerado personagem. Infelizmente até pessoas de altos cargos da hierarquia eclesiástica aderiram a essa posição.

Como católicos que somos, e amando a Santa Igreja, acima de nossas próprias vidas, não podemos aceitar tal posição.



E para que não fiquem dúvidas a respeito examinaremos um pouco a personalidade de Lutero, seus escritos, suas idéias, que apenas mostram que ele foi um herege, inimigo de Deus e de sua Igreja...



"Todos os protestantes juntos não foram capazes de curar um cavalo coxo"

(Erasmus de Roterdan)

"SOU O TRIGO DE CRISTO. É, POIS, NECESSÁRIO QUE EU SEJA MOÍDO PELOS DENTES DOS LEÕES, PARA QUE ME TRANSFORME EM PÃO DIGNO DE MEU MESTRE" (Sto. Inácio de Antioquia)

Lutero começou por negar. Negou a autoridade, negou a tradição, negou o ensinamento da Igreja, negou a Igreja orgânica, visível, hierárquica. Com que direito? Com que títulos? Não existia há quinze séculos o cristianismo? Não ascendiam os seus pastores, os seus bispos, os seus papas, por uma sucessão ininterrupta até os apóstolos, até o próprio Cristo?

Nada justificaria a alteração de doutrina que a Santa Igreja recebera dos apóstolos. Lutero ousou tentar fazê-lo. Era ele por acaso suscitado por Deus? Era ele um santo?



Em verdade, para que alguém possa demonstrar uma missão celestial são necessários milagres. Foi com milagres que Nosso Senhor Jesus Cristo provou Sua Divindade (por exemplo nas bodas de Cana), foi com milagres que Deus chancelou a embaixada de seus apóstolos (II Pedro 1, 18; II Cor 12, 12; Marc 16, 20).

O próprio Lutero exigia milagres para que alguém provasse ser enviado de Deus, como o fez em relação a Tomaz Münzer e Carlostadt. (1)

Pois bem, que milagres fez Lutero? Erasmo, contemporâneo de Lutero, escreveu gracejando, que todos os protestantes não haviam endireitado a perna de um cavalo coxo. Lutero acabou por perceber esta lacuna em sua missão e disse que o milagre era uma inutilidade (ao contrário do que dissera a Münzer) e que "não hão de ver milagres feitos por nós". (2)

Lutero não fez milagres, mas não terá feito profecias?

Fez uma e colocou-a escrita nas paredes de seu quarto: a destruição e iminente ruína do papado. Quatro séculos de história mostram quão "prodigiosa" foi a profecia de Lutero.

A Vida de Lutero

Além dos milagres físicos, há outro de ordem moral, que se associa a uma pessoa: é a santidade de sua vida.

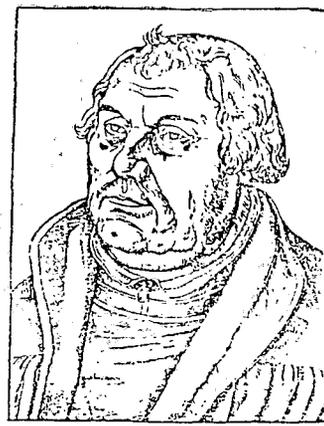
Um homem de Deus pode dizer – guardadas as devidas proporções – como Nosso Senhor: Quem dentre vós poderá me argüir de pecado?

Deu Lutero algum exemplo de virtude, alguma mostra de santidade? Cremos que os protestantes se envergonham e gostariam de passar uma esponja na vida de Lutero.

Ele inaugurou uma missão com o gravíssimo pecado de sacrilégio e apostasia. Assim rasgou seu voto de castidade, enxovalhou seu sacerdócio, unindo-se à freira Catarina de Bora. Ele mesmo dizia a esse respeito: "com este meu casamento tornei-me tão desprezível..." (3)

Melanchton, seu discípulo, dizia que Lutero era um homem extremamente leviano, e as freiras (que ele soltara dos conventos) lhe armavam laços com grande astúcia que acabaram por enredá-lo.

Ademais disso Lutero era dado aos excessos no comer e no beber; à Catarina escreveu em 1540: "Vou comendo como um boêmio e bebendo como um alemão, louvado seja Deus". A Catarina já escrevera em julho de 1534: "Bem farias em mandar-me daí toda a adegas bem provida do meu vinho e... um barril de tua cerveja". (4)



Em maio de 1541 mandava dizer: "aqui passo todo o dia no ócio e na embriagues". (5)

Na manhã seguinte à sua morte encontraram-no por terra com o abdômen intumescido pelo "demasiado comer e beber".

Lutero terminou pois sua vida como um gastrônomo e libertino vulgar. Ele, que alguns querem ver como alguém profundamente religioso e reformador do cristianismo.

Se assim vivia, também assim ensinava os outros a agir. Numa carta de "orientação" a Jerônimo Weller aconselhava: "de quando em quando se deve beber com mais abundância, jogar, divertir-se e mesmo fazer algum pecado..." (6)

E da mesma forma eram suas idéias. Era Lutero pródigo em lançar blasfêmias contra Deus, Seu Divino Filho, o Santíssimo Sacramento, a Virgem Maria e o Papado.

Assim se lê no livro "Luther" escrito pelo protestante Funck Brentano coisas horrorosas que Lutero escreveu ou falou como estas: "Cristo – diz Lutero – cometeu adultério pela primeira vez com a mulher da fonte de que nos fala João". (7) Ou então: "Certamente Deus é grande e poderoso, bom e misericordioso (...) mas é estúpido" (8); e em relação ao Papa, num panfleto intitulado "contra o pontificado romano fundado pelo diabo", em março de 1545, pouco antes de morrer, chamava-o de "infernallíssimo", quando Henrique VIII perseguiu e matou católicos na Inglaterra assim escreveu Lutero: "É lícito encolerizar-se quando se sabe que espécie de traidores, ladrões e assassinos são os papas, seus cardeais e legados. Prouvesse a Deus que vários reis de Inglaterra se empenhassem em acabar com eles". (9)

E noutra ocasião: "Basta de palavras: o ferro! O fogo!" e acrescenta: "punimos os ladrões à espada, por que não havemos de agarrar o papa, cardeais e toda a gangue da

Sodoma romana e lavar as mãos no seu sangue?" (10)

Esse ódio de Lutero o acompanhou até o fim da vida. Afirma Brentano – "seu último sermão público em Wittenberg é de 17 de janeiro de 1546: o último grito de maldição contra o papa, o sacrifício da missa e o culto da Virgem". (11)

Encerramos estas citações com tristemente famosa frase do herege a Melancton: "sê pecador e peca a valer..." (12)

Sabemos, como o disse Nosso Senhor, que pelos frutos conhecemos a árvore. Ora Lutero produziu frutos monstruosos, como acima vimos, quer em suas obras, quer em seus ensinamentos, idéias e pregações.

Logo, vemos ser ele um dos personagens mais execráveis da história, e sua obra, o protestantismo, uma heresia diabólica, digna de repúdio e ódio.

Sirva este pequeno artigo para mostrar a muitos que o elogiam quem foi Lutero e sua obra.

E pensar, ó dor, ó verdade, que muitos católicos, até da hierarquia elogiam tal personagem.

Nós pretendemos combater, na medida de nossas forças e com o auxílio da Santíssima Virgem, Lutero e suas idéias. E é isto que continuaremos fazendo em nosso próximo artigo sobre o tema.

(1, 2, 3, 4, 5, 6, 12, Pe. Leonel Franca S.J. – "A Igreja, a reforma e a Civilização", AGIP Edit., 1958, 7ª Edição – O autor cita as fontes originais)

(7, 8, 9, 10, 11, Funck Brentano – "Luther" – Grasset, Paris, 1934, 7ª Edição)



GODOFREDO DE BOUILLON ou a Força da Pureza

O Padre Ratisbonne, fundador da Congregação de Nossa Senhora do Sion, comenta que todo cristão tem, em sua vida, três instantes de graça maior, três pontos decisivos. O primeiro é o momento do batismo, quando o homem nasce para a vida da graça, e se torna membro da Santa Igreja de Deus. O último é o momento supremo da perseverança final, quando a alma se separa do corpo e nasce para a Vida Eterna. Entre esses dois extremos há, no entanto um outro momento, que é a hora da vocação. É quando o homem conhece a missão para a qual Deus o criou, e aceita, e abraça essa missão como sendo a razão de sua existência. Essa correspondência à vocação é o elo que une o batismo à perseverança final, elo importantíssimo e quase indispensável, sem o qual a salvação corre sério perigo, elo que resume a vida de um homem, e sem cuja análise, nenhuma biografia pode ser digna desse nome.

Antes de conhecida, a vocação é como uma luz difusa, um farol oculto pela neblina, que o navegante procura ansioso mas, sem desespero, porque sabe que o encontrará; depois da descoberta, a vocação é a bússola, é a estrela, é a rota que o cristão segue com alegria e confiança. E então, quando surgem os momentos de angústia e as agruras do combate, o católico encontrará o animo no considerar a própria vocação: "foi para isso que eu nasci, nisso Deus me quer, e nisso encontrarei a Deus".

Godofredo de Bouillon, Duque da Lorena, nasceu para ser cruzado. E realizou sua vocação naquela Sexta-Feira, do ano de 1099, quando, com a espada em punho, e à frente do exército católico, atravessou as muralhas da Cidade Santa de Jerusalém, expulsando os muçulmanos e retomando para Deus o que a Deus pertencia. Vencida a batalha, Godofredo depôs suas armas, e, de pés descalços, em sinal de humildade correu para o tesouro que veio buscar: o Santo Sepulcro de Nosso Senhor; não eram as riquezas que o atraíam. Mais tarde, quando seus soldados o quiseram coroar rei, exclamou: "não posso aceitar ser coroado de ouro, no mesmo lugar onde Nosso Senhor foi coroado de espinhos!" E ficou em Jerusalém o resto da vida, como defensor do Santo Sepulcro.

Sua força era lendária. Os soldados afirmavam que ele era capaz de cortar completamente o pescoço de um camelo, com um só golpe de espada. Conta-se que alguns árabes duvidaram disso, e apostaram, com os católicos, que Godofredo não seria capaz de tal proeza. Ajustados os termos da aposta, foram procurar o cruzado, levando um camelo que os árabes haviam comprado para o teste. Godofredo levantou-se, tomou de sua espada e, de um só golpe, fez cair a cabeça do animal. Atônitos, os árabes protestaram, afirmando que aquilo era impossível, a menos que a espada fosse mágica. Desafiaram Godofredo a repetir o feito, usando dessa vez uma espada árabe. Novo camelo é trazido e, em poucos instantes, sua cabeça decepada vai juntar-se à do anterior.

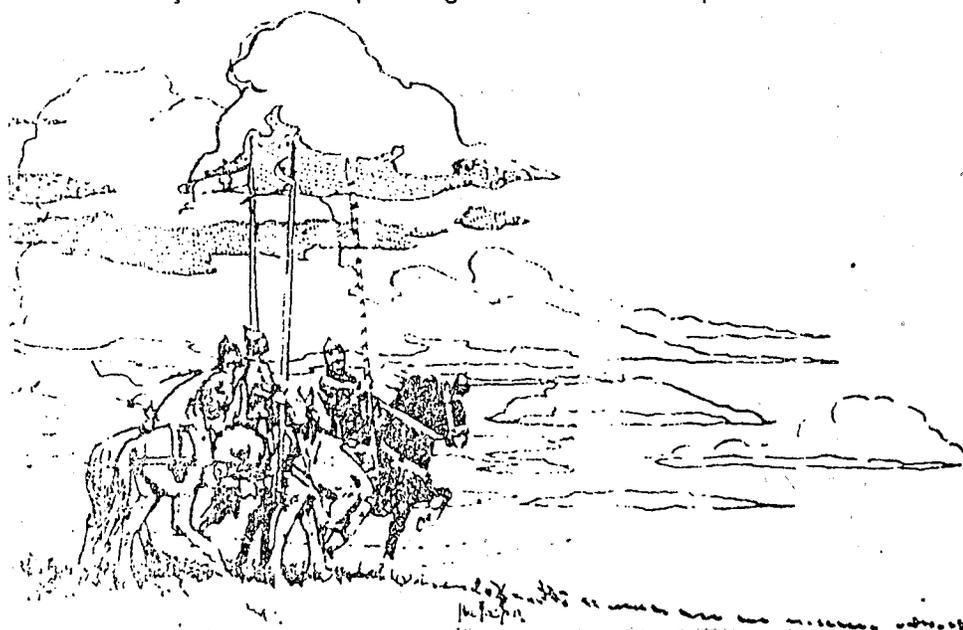
Os soldados católicos, ironicamente, perguntaram se os árabes desejavam financiar mais um camelo para novo teste, talvez agora com uma espada grega...

Os árabes, vendo os custos crescerem, desistiram e pagaram a aposta. Depois, ainda atônitos, perguntam a Godofredo: "Qual é a mágica que lhe deu tanta força?" E o cruzado, estendendo serenamente suas mãos, assim falou: "Tenho tanta força porque estas mãos nunca pecaram contra a pureza".

Sublime resposta! Magnífica lição para tantos jovens e velhos de hoje que cultuam irracionalmente a força bruta, mas desprezam a pureza! "Rambos" e "Rockys" de alma imunda, assemelhando-se mais a bichos do que a Filhos de Deus...

Godofredo de Bouillon, o Cruzado, faleceu em Jerusalém, aos pés do santo Sepulcro que jurou, até a morte, defender.

Sua vocação estava cumprida. Agora se lhe abriam as portas do Céu.



DA ETERNIDADE DO INFERNO

Et ibunt hi in supplicium aeternum.
E estes irão para o suplício eterno (Mt 25.46)

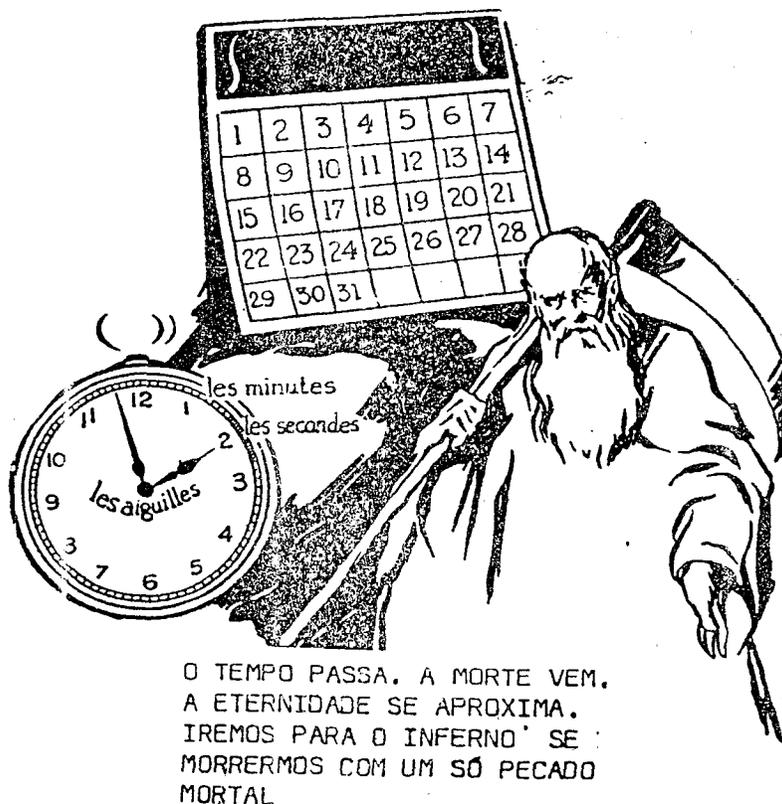
Se o inferno não fosse eterno, não seria inferno. A pena que dura pouco, não é grande pena. Se a um doente se rompe um abscesso ou queima uma ferida, não deixará de sentir dor vivíssima; como, porém, esta dor passa em breve não se pode considerá-la como tormento grave. Seria, porém, grande suplício, se a intervenção cirúrgica perdurasse semanas ou meses. Quando a dor é intensa, ainda que seja breve, torna-se insuportável. E não apenas as dores, até os prazeres e as diversões, prolongando-se em demasia, um teatro, um concerto, continuando, sem interrupção, durante muitas horas, causariam tédio. E se durassem um mês, um ano? Que será, pois, no inferno, onde não é música, nem teatro que sempre se ouve, nem leve dor que se padece, nem ligeira ferida ou superficial queimadura de ferro candente que atormenta, mas o conjunto de todos os males, de todas as dores não em tempo limitado, mas por toda a eternidade? (Apoc 20, 10).

Esta eternidade é de fé; não é simples opinião, mas sim verdade revelada por Deus em muitos lugares da Sagrada Escritura. "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno. – E irão estes ao suplício eterno. – Pagarão a pena de eterna perdição. Todos serão assolados pelo fogo" (Mt 25, 41. 46; 2 Tes 1, 8. Mc 9, 48). Assim como o sal conserva o alimento, o fogo do inferno não só atormenta os condenados, mas, ao mesmo tempo, tem a propriedade do sal, conservando-lhes a vida. "Ali o fogo consome de tal modo – disse S. Bernardo – que conserva sempre"

Insensato seria aquele que, para desfrutar um dia de divertimentos, quisesse condenar-se a uma prisão de vinte ou trinta anos num calabouço! Se o inferno durasse, não cem anos, mas apenas dois ou três, já seria loucura incompreensível que por um instante de prazer nos condenássemos a esses dois ou três anos de tormento gravíssimo. Mas não se trata de trinta nem de cem, nem de mil, nem de cem mil anos, trata-se de sofrer para sempre penas terríveis, dores sem fim, males incalculáveis sem alívio algum. Portanto, os santos gemiam e tremiam com razão, enquanto subsistia, com a vida neste mundo, o perigo de se condenarem. O bem-aventurado Isaías, posto que passasse os dias no deserto entre jejuns e penitências, exclamava: "Infeliz de mim, que ainda não estou livre das chamas infernais".

Aquele que entrar uma vez no inferno jamais sairá de lá. A este pensamento o rei David exclamava trêmulo: "Não me trague o abismo, nem o poço feche sobre mim a sua boca" (Sl 68, 16). Apenas um réprobo cai naquele poço de tormentos, fecha-se

sobre ele a entrada para nunca mais se abrir. No inferno só há porta para entrar e não para sair, disse Eusébio Emiseno; e explicando as palavras do salmista escreve: "O poço não fecha a sua boca, porque se fechará a abertura em cima e se abrirá em baixo para devorar os réprobos". Enquanto vivo, o pecador pode ter alguma esperança, mas, se a morte o surpreender em pecado, perderá toda a esperança (Prov 11, 7). Se os condenados pudessem ao menos embalar-se em alguma enganosa ilusão que aliviasse o seu desespero horrível!... O pobre enfermo, ferido e prostrado em seu leito, desenganado dos médicos, talvez se iluda a respeito de seu estado, pensando que encontre algum médico ou remédio novo que o possa curar. O infeliz delinqüente, condenado à prisão perpétua, também procura alívio em seu pesar na esperança remota de evadir-se e desta maneira obter a liberdade... Conseguisse sequer o condenado iludir-se assim, pensando que algum dia poderia sair da sua prisão!... Mas não; no inferno não há esperança, nem certa nem provável; não há até um quem sabe? Consolador (Sl 49, 21). O desgraçado réprobo verá sempre diante de si a sentença que o obriga a gemer perpetuamente nesse cárcere de sofrimentos. "Uns para a vida eterna, e outros para o opróbrio que terão sempre diante dos olhos" (Dan 12, 2). O réprobo não sofre somente a pena de cada instante, mas a cada instante a pena da eternidade. "O que agora sofro, dirá, hei de sofrê-lo sempre". "Gemem os condenados, diz Tertuliano, sob o peso da eternidade".



Dirijamos, pois, ao Senhor a súplica que lhe fazia Santo Agostinho: "Queimai, cortai e não nos poupeis aqui, para que sejamos perdoados na eternidade". Os castigos da vida presente são transitórios: "As tuas setas passam. A voz do teu trovão rolou" (Sl 76, 19). Mas os castigos da outra vida nunca têm fim. Temamo-lo, pois. Temamos a voz do trovão com que o Supremo Juiz pronunciará, no dia do juízo, sua sentença contra os réprobos. "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno". Diz a Escritura in rota, porque a roda é símbolo da eternidade, que não têm fim. Grande é o castigo do inferno, porém o que mais nos deve assustar é ser irrevogável (Ez 21, 5).

Dirá, porém, o incrédulo: Onde está a justiça de Deus ao castigar com pena eterna um pecado que dura um instante?... E como, responderemos, como se atreve o pecador, por um prazer momentâneo, a ofender um Deus de majestade infinita? "Até a justiça humana, disse S. Tomás, mede a pena, não pela duração, mas pela qualidade do crime. Não é porque o homicídio se cometa em um momento que se há de castigar também com pena momentânea". Para o pecado mortal, um inferno é pouco. A ofensa feita à Majestade infinita deve merecer castigo infinito, diz São Bernardino de Sena. Mas como a criatura, escreve o Doutor Angélico, não é capaz da pena infinita em intensidade, é com justiça que Deus torna a pena infinita em duração.

Além disso, a pena deve ser necessariamente eterna, porque o réprobo jamais poderá prestar satisfação por sua culpa. Nesta vida, o pecador penitente pode satisfazer pela aplicação dos merecimentos de Jesus Cristo; mas o condenado não participa desses méritos e, portanto, não podendo por si satisfazer a Deus, sendo eterno o pecado, eterno também deve ser o castigo (Sl 48, 8-9). "Ali a culpa – disse o Belluacense – poderá ser castigada, mas jamais expiada" (Lib. II, 3 p.), porque, segundo Santo Agostinho, "ali o pecador é incapaz de arrependimento". O Senhor, portanto, estará sempre irado contra ele (Mal 1, 4). E ainda que Deus quisesse perdoar ao réprobo, este não aceitaria a reconciliação, porque sua vontade obstinada e rebelde está confirmada no ódio contra Deus. Disse Inocêncio III: "Os condenados não se humilharão; pelo contrário, crescerá neles a perseverança do ódio". S. Jerônimo afirma que "nos réprobos, o desejo de pecar é insaciável" (Prov 27, 20). A ferida de tais desgraçados é incurável; porque eles mesmos recusam a cura (Jer 15, 18).

No inferno, o que mais se deseja é a morte. "Buscarão os homens a morte e não a encontrarão" (Apoc 9, 6). Por isso, exclama São Jerônimo: "O morte, quão agradável serias àqueles para quem foste tão amarga!". Disse David que a morte se apascentará com os réprobos (Sl 48, 15). E explica-o

São Bernardo, acrescentando que, assim como, ao pastar, os rebanhos comem apenas as pontas das ervas e deixam a raiz, assim a morte devora os condenados, mata-os a cada instante e conserva-lhes a vida para continuar a atormentá-los com castigo eterno. De sorte que, diz S. Gregório, o réprobo morre continuamente sem morrer nunca. Quando um homem sucumbe de dor, todos têm compaixão dele. Mas o condenado não terá quem dele se compadeça. Estará sempre a morrer de angústia e não encontrará comiseração... O imperador Zenão, sepultado vivo numa masmorra, gritava e pedia que, por piedade, o retirassem dali, mas não o atenderam e, depois, o encontraram morto. As mordeduras que a si mesmo havia feito nos braços, patenteavam o horrível desespero que sentira... Os condenados, exclama São Cirilo de Alexandria, gritam no cárcere infernal, mas ninguém acode a libertá-los, ninguém deles se compadecerá jamais.



E quanto tempo durará tão triste estado?... Sempre, sempre. Lê-se no Exercícios Espirituais, do Pe. Segneri, publicados por Muratori, que, em Roma, se interrogou a um demônio (na pessoa de um possesso), quanto tempo devia ficar no inferno... Respondeu com raiva e desespero: Sempre, sempre!... Foi tal o terror que se apoderou dos circunstantes, que muitos jovens do Seminário Romano, ali presentes, fizeram confissão geral, e sinceramente mudaram de vida, consternados por esse breve sermão de duas palavras apenas...

Infeliz Judas!... Há mais de mil e novecentos anos que já está no inferno e, não obstante, se diria que seu castigo apenas vai em princípio!... Desgraçado Caim!... Há cerca de seis mil anos que sofre o suplício infernal e pode-se dizer que ainda se acha no princípio de sua pena! Um demônio a quem perguntaram quanto tempo estava no inferno, respondeu: Desde ontem. E como se lhe replicou que isso não era possível, porque sua condenação já transcorrerá há mais de cinco mil anos, exclamou: "Se soubésseis o que é a eternidade, compreenderíeis que, em comparação a ela, cinqüenta séculos nem sequer chegam a ser um instante".

Se um anjo fosse dizer a um réprobo: "Sairás do inferno quando se tiverem passado tantos séculos quantas gotas houver de água na terra, folhas nas árvores e areia no mar", o réprobo se regozijaria tanto como um mendigo que recebesse a nova de que ia ser rei. Com efeito, passarão todos esses milhões de séculos e outros inumeráveis a seguir, e contudo o tempo de duração do inferno estará sempre no seu começo... Os réprobos desejariam propor a Deus que lhes aumentasse quanto quisesse a intensidade das penas e as prolongasse tanto quanto fosse. Esse fim e essa limitação, entretanto, não existem nem existirão. A voz da divina justiça só repete no inferno as palavras sempre, nunca!

Os demônios, por escárnio, perguntarão aos réprobos: "Vai muito adiantada a noite?" (Is 21, 11). Quando amanhecerá? Quando acabarão essas vozes, esses prantos, essa infecção, esses tormentos e essas chamas? E os infelizes responderão: Nunca! Nunca!... Mas quanto tempo hão de durar?... Sempre! Sempre!... Ah, Senhor! Iluminai a tantos cegos que, sendo advertidos para tratarem de sua salvação, respondem: "Deixai-nos. Se formos para o inferno, que havemos de fazer?... Paciência!..." Meu Deus! Não têm paciência para suportar, às vezes, os incômodos do calor e do frio, nem para sofrer uma leve ofensa, e hão de ter paciência, depois, para serem mergulhados num mar de fogo, suportar tormentos diabólicos, o abandono absoluto de Deus e de todos, durante toda a eternidade?

Afetos e Súplicas

Pai das misericórdias! Nunca abandonais a quem vos procura. Se na vida tantas vezes me aparteí de vós sem que me abandonasses, não me desprezeis agora que vos procuro. Pesa-me, Sumo Bem, de ter feito tão pouco caso de vossa graça, trocando-a por coisas de somenos valor. Contemplai as chagas de vosso Filho, ouvi sua voz que clama perdão para mim. Perdoai-me, pois, Senhor... E vós, meu Redentor, recordai-me sempre os sofrimentos que por mim passastes, o amor que me tendes e a minha ingratidão, que tantas vezes me fez merecer a condenação eterna, a fim de que chore minhas culpas e viva ardendo em vosso amor...

Ah, meu Jesus! Como não hei de abraçar-me em vosso amor ao pensar que há muitos anos já devia estar queimando nas chamas infernais durante toda a eternidade, e que vós morrestes para me livrar das mesmas e efetivamente me livrastes com tão grande misericórdia? Se estivesse no inferno, vos aborreceria eternamente. Mas agora vos amo e

desejo amar-vos sempre. Espero, pelos merecimentos do vosso precioso sangue, que assim mo concedereis... Vós, Senhor, me amais e eu vos amo também: amar-me-eis sempre, se de vós não me apartar. Livrai-me, meu Salvador, da grande desdita de separar-me de vós e fazei o que vos aprouver...

Mereço todos os castigos, e os aceito voluntariamente, contanto que não me priveis do vosso amor... Ó Maria Santíssima, amparo e refúgio meu, quantas vezes me condenei por mim próprio ao inferno e dele me tendes livrado!... Livrai-me, no futuro, de todo pecado, causa única que me pode privar da graça de Deus e lançar-me ao inferno.

Santo Afonso Maria de Ligório



ABORTISTAS: RESPONDAM, SE PUDEREM!

A opinião pública norte-americana e mundial ficou chocada, quando, há alguns anos atrás, a imprensa divulgou os detalhes de um crime horroroso: uma jovem mãe havia assassinado friamente seus dois filhinhos, um deles com dois anos, e outro com apenas quatro meses. O motivo foi o mais frívolo que se possa imaginar: as crianças, no dizer da mãe, “a incomodavam”, e impediam que se encontrasse com o namorado. Por isso, trancou os dois no automóvel, e os jogou no mar. Hipocritamente, a mãe ainda procurou a polícia, dizendo que “um negro” havia raptado os seus filhos, e fez comoventes apelos pela televisão, para que o raptor devolvesse as crianças. Todos os Estados Unidos acompanharam comovidos o drama da jovem mãe, até que a infame verdade veio à luz. E, então, o que era antes simpatia e solidariedade, com toda justiça se transformou em indignação: entidades religiosas e civis, associações de classe, o próprio presidente da república, manifestaram o seu horror. As detentas da prisão, onde a infeliz deveria ser internada, declararam que a matariam se ela fosse para lá. A própria família da assassina, e a do pai das crianças, todos manifestaram seu repúdio diante de tanta frieza, de tanta maldade, de tanta abominação: uma mãe matar seus filhos inocentes! Horror!

Mas eu sei de um grupo de pessoas que deveria defender essa mulher: são os que apóiam e defendem o aborto. Acho até que essas pessoas deveriam se manifestar em passeatas, pelos jornais e pela TV, em defesa dessa mulher que pensa exatamente como eles, e que teve a coragem de levar os seus princípios até suas últimas conseqüências. Pois

não é verdade que os defensores do aborto usam dos mesmos argumentos que essa assassina usou? As crianças “a incomodavam!” Os filhos “a impediam de se encontrar com o namorado!” Eram um estorvo. E ela os matou. Não é o que as mulheres que abortam dizem? Qual a diferença? Por que negar a essa mãe o direito de matar o seu filho de quatro meses de idade, se elas defendem o direito de matar os próprios filhos, que têm cinco meses menos? Uma vida é uma vida, seja cinco meses mais nova, ou dois anos mais velha. Se podemos matar um, podemos matar o outro também. Senhores abortistas, sejam coerentes! Defendam em público a assassina que teve a coragem de fazer às claras o que vocês fazem às ocultas! Ela, pelo menos, se confessou assassina, ao contrário de vocês, que hipocritamente não querem se reconhecer como tais.

